



A (NÃO) REPRESENTAÇÃO DAS NEGRAS E NEGROS NO JORNAL LABORATÓRIO FOCA LIVRE

Felipe Simão Pontes ¹

Gustavo Yoshio Ban ²

RESUMO: As pesquisas demográficas sobre os jornalistas no Brasil demonstram que a categoria é hegemonicamente branca. Estudos da área apontam que a representatividade nos veículos jornalísticos também privilegia a população branca em detrimento da parda e negra. Este texto volta o olhar para a formação das jornalistas, estudando a representação de negras e negros no jornal laboratorial Foca Livre, do curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ao analisar os 25 anos do periódico, a pesquisa demonstra que a população negra não é representada, com presença ínfima em títulos, chamadas e fotografias. Quando aparecem, as negras e negros estão em contexto de mazelas sociais, o que reforça estereótipos de exclusão.

PALAVRAS-CHAVE: *Negro. Jornal Laboratório. Exclusão. Foca Livre.*

ABSTRACT: Demographic research about journalists in Brazil shows that they are hegemonically white. Studies of the area indicate to the representativeness in the journalistic media also privileges the white population to the detriment of the brown and black. This article studies the journalists formation in the university, more specifically the representation of black people in “Foca Livre”, a laboratory newspaper of Journalism course of State University of Ponta Grossa (Brazil). In the 25 years of the newspaper, this article demonstrates that the black population isn’t represented, with insignificant presence in titles, calls and photographs. When they appear, blacks are in the context of social ills, which reinforces stereotypes of exclusion.

KEYWORDS: *Black. Laboratory Newspaper. Exclusion. “Foca Livre”.*

¹ Professor do Curso e do Mestrado em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG-Pr. E-mail: felipesimaopontes@gmail.com

² Graduado em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: eugustavoban@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa nasce do interesse em compreender a ascensão dos negros e negras na sociedade brasileira, principalmente a partir do acesso e representação no ensino superior, com ênfase nas escolas de jornalismo. Esta necessidade parte de uma constatação generalizada de que nas instituições públicas de ensino, particularmente nos cursos de Jornalismo, nota-se uma ausência de estudantes e professoras negras, bem como a falta de literatura e representações deste grupo étnico-racial.

Paralelamente a esta constatação, o artigo tem origem na organização das produções laboratoriais do curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Fundado em 1985, o curso de Jornalismo da UEPG está em uma cidade que, em 2017, segundo dados estimados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), residem 341.130 mil habitantes. Destes, aproximadamente 20% se autodeclararam pretos ou pardos (CENSO DEMOGRÁFICO, 2010). Localizada a 103km da capital Curitiba, o município de Ponta Grossa tem em sua formação histórica relação com a escravidão, semelhante a todo Paraná, onde o negro esteve inserido enquanto mercadoria e gerador de lucro para o Governo e escravocratas (PINTO; MEZZOMO, 2012). Na cidade, ainda hoje, as comunidades quilombolas Sutil e Santa Cruz sobrevivem como remanescentes.

Entendendo a mídia como espaço onde as pessoas se confrontam diretamente com as representações dos diferentes segmentos sociais (PEREIRA; GOMES, 2001), ao organizar as produções do curso de Jornalismo da UEPG fica evidente a não representatividade dos sujeitos negros nas abordagens textuais e fotográficas dos produtos laboratoriais, principalmente no *Foca Livre*. Nesse sentido, considerando a mídia como espaço de reconhecimento e de formação e fortalecimento das identidades – em especial das e dos estudantes de jornalismo, o esforço aqui é em reconhecer de que maneira as negras e negros são (ou deixam de ser) representadas no curso de jornalismo da UEPG, a partir dos produtos laboratoriais. Para tanto, analisamos o jornal laboratório mais antigo e tradicional do curso, o *Foca Livre*.

Para tanto, organizamos um banco de dados onde foram classificadas unidades de informação que trazem estes sujeitos textualmente e em imagens. Além da baixa

representação quantitativamente, qualitativamente as imagens das negras e negros estão associadas à exclusão social e a estereótipos culturalmente sedimentados, como a associação desses indivíduos a segmentos musicais e esportivos. Consideramos ainda o ambiente no qual o jornal é produzido: hegemonicamente branco, com estudantes em sua grande maioria branca, docentes, todos e todas brancos, e fontes consultadas constituídas pela elite branca e escolarizada da cidade.

2. O FOCA LIVRE E O JORNAL LABORATÓRIO

A história do *Foca Livre* começa em 1991, com a produção de experimentos laboratoriais já com esse nome, mas ainda sem periodicidade e, a partir de 1993, torna-se produto oficial do Departamento de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Antes deste, outros projetos foram desenvolvidos, como *O Cobaia*, produzido em 1987 de forma voluntária pela primeira turma, e outras produções como os jornais *Imagem e Ação* e o *Contraponto*, permitindo a articulação teórico-prática na vivência dos estudantes.

Com oito edições anuais e periodicidade mensal contínua até o presente momento - perfazendo 194 edições, o jornal era produzido por estudantes do terceiro ano do curso de Jornalismo até 2006. Nos últimos dez anos, é realizado por acadêmicos do segundo ano de modo interdisciplinar. Quanto à regularidade de publicações, Vieira Junior (2002) indica que o jornal laboratório deve respeitar a periodicidade, assim como seu público, para que o estudante adquira credibilidade e o leitor, confiança. A veiculação do jornal, na maioria dos anos, compreendeu entre os meses de abril e dezembro. Sobre a longevidade e importância deste periódico, Pontes e Ban reforçam:

Quanto à presença comunicacional impressa em Ponta Grossa, o produto laboratorial *Foca Livre* do curso de Jornalismo da UEPG é o segundo jornal mais antigo da cidade com circulação ininterrupta (desde 1993, perfazendo 23 anos). O Jornal da Manhã circula com periodicidade constante desde 1954, e o jornal Diário dos Campos, fundado em 1907, suspendeu sua circulação em 1990 e retornou em 1999. Nos últimos 25 anos, em poucos houve mais do que três jornais impressos com periodicidade. (PONTES; BAN, 2016, p.234)

Sobre as abordagens temáticas, a fluidez nas editorias é característica do *Foca Livre*, possível na medida em que a cada ano é produzido por estudantes e professores responsáveis diferentes, permitindo que em uma mesma edição do jornal, assuntos sobre a comunidade acadêmica e a cidade de Ponta Grossa apareçam. Neste sentido, expõem-se um registro sobre a instituição, bem como da cidade de Ponta Grossa, possibilitando o entendimento da política editorial do jornal, que se estrutura criticamente frente aos problemas que os estudantes estão expostos. Assim, além de recurso pedagógico e de formação do curso, o *Foca Livre* é importante para a manutenção da memória coletiva tanto da UEPG quanto da cidade.

Para Lopes (1989) o jornal laboratório serve como instrumento de integração dos estudantes nas vivências da futura profissão, tornando possível a obtenção de uma visão global do processo jornalístico, não somente no aspecto conceitual, mas, também, na prática das redações. Esta condição encontra institucionalidade a partir da Resolução 03/78, do Conselho Federal de Educação, que exigia a implantação de órgãos laboratoriais nos cursos de comunicação, frente ao Decreto-Lei 972, que impossibilitava o exercício de estágio profissional na área. A Resolução encarga as escolas à responsabilidade em qualificar e preparar os estudantes de jornalismo para o mercado de trabalho.

De acordo com Vilaça (2011), esse é um passo importante para a formação acadêmica e profissional dos estudantes, uma vez que diminui o distanciamento entre a realidade aprendida em sala de aula com o fazer jornalístico do mercado de trabalho. Neste sentido, segundo Lopes (1989), a resolução nº 03/78 sancionada pelo Conselho Federal de Educação é a eminência do ensino de jornalismo ao estabelecer a obrigatoriedade de órgãos laboratoriais nas escolas, com o papel de cumprir com a necessidade de inserir os estudantes às rotinas da profissão.

Em concordância estão às propostas do Ministério da Educação para as Diretrizes Curriculares do Curso de Jornalismo, de setembro de 2013, que estabelece no artigo 2º inciso II como exigências para a formação do jornalista a utilização de metodologias que privilegiem a participação ativa do estudante na construção do conhecimento, integrando os conteúdos, estimulando a interação entre ensino, pesquisa

e extensão, e propiciando articulações com diferentes segmentos da sociedade (DIRETRIZES, 2013, p.26).

Nesta perspectiva, os estudantes encontram na produção do *Foca Livre* campo para prática de um jornalismo voltado ao interesse público, pautando trabalhos que permitem a captação, edição e propagação de histórias que a eles são contadas. A condição de contadores de histórias é conferida aos jornalistas por Traquina (2005), que indica que os profissionais do jornalismo entendem os acontecimentos enquanto ‘estórias’ e, assim, constroem as notícias a partir de narrativas, que não são isoladas de narrativas anteriores (TRAQUINA, 2005, p.21).

Ao estabelecermos que trabalharíamos com a presença ou não do negro no jornal laboratório *Foca Livre*, ficou evidente a problemática em como considera-los a partir dessa perspectiva. De acordo com Munanga (2004), definir quem é negro no Brasil não é uma tarefa simples, ainda mais em um país que desenvolveu o desejo de ideal de branqueamento, fazendo com que muitas pessoas não se identifiquem enquanto negras. O processo de identificação, que segundo Munanga (2004) é doloroso, parte de processos etno-semânticos, políticos e ideológicos, mas que não se atém a conteúdos biológicos. Assim, em um contexto atual como o qual vivemos, com políticas de ações afirmativas, por exemplo, o conceito de negro passa a ser mais complexo e plural. Para tanto, considerando as especificidades em trabalhar com as relações étnico-raciais sob essa perspectiva, partimos do pressuposto de Munanga (1996) da identificação cromática, considerando o ser negro a partir da pigmentação da pele, visto que é por essa identificação que o racismo acontece diariamente, uma vez que: “[...] vivemos em um país com uma estrutura racista onde a cor da pele de uma pessoa infelizmente é mais determinante para o seu destino social do que o seu caráter, a sua história, a sua trajetória.” (GOMES, 2005, p.46).

3. REPRESENTAÇÃO

De acordo com Vaz e Mendonça (2002 p.2), a “minorização” do negro na mídia não é recente. Conforme os autores, “[...] desde o período colonial, a representação negra é escassa, e sua visibilidade se dá por meios não oficiosos”, aparecendo em

momentos de festividades e relacionados à violência e rebeldia. Outro apontamento dos autores sobre o apagamento da representação negra consiste na ausência de símbolos nacionais, frente a brancos e indígenas, sintomático na identificação encoberta.

A invisibilidade negra nos meios de comunicação é histórica, mas que, ao longo do tempo, conforme Sodré (1999, p.15) lembra, foi amenizada por mecanismos sutis e internos de discriminação, que não reconhecem a exclusão do outro no processo de diferenciação. Segundo o autor, são várias as estratégias narrativas utilizadas para evitar a aceitação de racismo no Brasil, onde quanto mais visível for a cor do indivíduo, maior sua invisibilidade social. Segundo Christofolletti e Basso (2007, p.114), a mídia poderia servir como elemento de trabalho na contramão da tendência uniformizante da sociedade, através de abordagens que evidenciassem os "diferentes estratos da diversidade étnica".

Nesse processo, segundo Barbalho (2005), a mídia tem fundamental importância como local de reconhecimento de seus receptores, uma vez que nela se criam sistemas de representações. De acordo com Tadeu da Silva (2000), na medida em que a mídia repete constantemente determinados assuntos, cria em seus receptores um imaginário sobre um assunto e, no caso das identidades, fomenta disputas de poder pelos grupos sociais não representados.

De acordo com Quirino (2013), as relações étnico-raciais devem estar presentes no discurso jornalístico, uma vez que é dever do jornalismo veicular informações como um serviço público não só para este segmento social-racial, mas para toda a sociedade. Nesse sentido, o jornalista deveria pautar fatos que privilegiassem o âmbito social como um todo, mas que, no entanto, resguardasse as especificidades dos grupos sociais. Para tanto, seria dever do jornalismo ir além, revelando o contexto como um subsídio importante para este modelo. Diante disto, “o resgate histórico pode ser um elemento que além de justificar a importância do tema entra como informação tão importante quanto o fato na construção da notícia” (Quirino, 2013, p.6-7).

Assim, considerando o jornal laboratório enquanto espaço onde estudantes pode testar formatos, receber *feedbacks* simultâneos, avaliações dos professores e críticas de outros estudantes e dos leitores (Vieira Junior, 2002, p. 73), bem como serve de experimento das práticas vivencias no mercado de trabalho, as diversas perspectivas

sociais devem ser contempladas em seu processo de produção, permitindo com que desde o primeiro contato com as rotinas jornalísticas a pluralidade de vozes seja respeitada, assim como sirva de incentivo a ser levado a diante, enquanto jornalistas profissionais alocados no mercado de trabalho. Para Vieira Junior (2002, p.9-10), é na universidade que o estudante precisa participar de forma produtiva do processo que permite o desenvolvimento econômico e social, que contribuirá para que a sociedade supere suas desigualdades.

4. METODOLOGIA

Perceptível à importância do jornal laboratório *Foca Livre* tanto para o curso de Jornalismo quanto para a cidade de Ponta Grossa, considerando os 25 anos de circulação ininterruptos, buscamos compreender de que maneira as relações étnico-raciais foram consideradas a partir da presença, ou não, de sujeitos negros ou de suas culturas no periódico em questão.

O primeiro trabalho consistiu na seleção e organização de todos os jornais impressos produzidos pelos alunos do curso de Jornalismo da UEPG. Por ser constituído por editoriais fluídas, visto que o planejamento e execução do *Foca Livre* é feito a cada ano por estudantes e professores diferentes, optamos em compreender o jornal como um todo, sem especificar ou enquadrar as reportagens e fotografias nas editoriais originais.

Até o presente momento foram analisadas 191 edições do jornal laboratório *Foca Livre*, compreendendo o período de 1991 a 2016. Nos periódicos, buscamos identificar através dos títulos e imagens das reportagens, a representação do negro no jornal a partir da presença textual e fotográfica, sem considerar o conteúdo das reportagens. No que diz respeito a inserção textual, buscamos por títulos e chamadas que trazem a palavra 'negro' e sinônimos como afrodescendente e quilombolas, bem como termos que remetam à luta racial, como preconceito, consciência negra e cotas raciais. Ademais, buscamos por títulos em que a abordagem textual é veiculada ao contexto do ser negro, como estilos musicais, clubes e espaços públicos de resistência negra, religiões afro-brasileiras e entrevistados representantes do movimento negro.

Quanto às imagens, consideramos os traços fenóticos e a cor da pele para identificarmos os agentes negros. Assim, analisamos todas as imagens presentes nas edições, não somente as que ilustraram reportagens sobre povos/sujeitos negros e contextos relacionados, mas ainda buscando pela inserção de negros a partir de outras temáticas. Para tanto, foram analisadas todas as reportagens presentes em cada uma das 191 edições do *Foca Livre*, perfazendo um total de 2595 inserções, considerando apenas os títulos e chamadas.

5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

No caso do *Foca Livre*, a partir da organização de todas as edições do jornal, ficou perceptível, em um primeiro momento, que as ‘estórias’ narradas partiam de múltiplas abordagens, mas que, mesmo assim, no decorrer dos 24 anos de existência, reportagens de conteúdos étnico-raciais permaneciam silenciada ou pouco exploradas. As ‘estórias’ não contadas sobre histórias, memórias e trajetórias de negros no periódico vão ao oposto das Diretrizes Curriculares do Ensino de Jornalismo, que indicam a articulação de estudantes com diferentes segmentos sociais. Por outro lado, foi possível observar que quando representados, os negros se encontraram associados a mazelas sociais, bem como pouco estiveram presentes em fotografias do cotidiano social, apenas ilustrando conteúdos com referência racial.

A tabela seguinte apresenta os dados obtidos sobre a presença do negro na amostra que compreende os 25 anos de circulação do *Foca Livre*, somando um total de 191 edições.

Tabela 1: Unidades de representação do negro no *Foca Livre*

Textual		Fotográfica	
Ações Afirmativas	3	Mazelas Sociais	11
Música	3	Música	5
Educação	3	Esporte	2
Datas Comemorativas	2	Profissão	2
Clube 13 de Maio	2	Entrevista	1
Preconceito	2	Datas Comemorativas	1
Religiao	1	Sem Categoria	2
Quilombo	1	TOTAL	24
TOTAL	17		

Nas 191 edições analisadas, foram encontradas apenas 41 unidades que direta ou indiretamente trazem representações de indivíduos negros. Como exemplifica a imagem da tabela acima, destas, 17 trazem no título a palavra negro ou termos que fazem referência a cultura deste, bem como citações relacionadas a cultura afro e afro-brasileira, enquanto que as outras 24 notícias associam títulos diversos com fotos de agentes negros. Ao longo da pesquisa, foram analisadas 2595 chamadas, totalizando uma média de 13,5 por edição. Este cálculo médio serve apenas como base para compreender a ausência de representatividade preta e parda no *Foca Livre*, uma vez que cada turma possui liberdade para diagramar o periódico a partir de escolhas próprias, bem como ao longo do tempo o formato do jornal se alterou, modificando também o espaço para novos conteúdos.

Considerando os 2595 formatos encontrados e confrontados com as 41 notícias ou reportagens que de alguma forma fizeram referência ao negro, apenas 1,58% do espaço total foi ocupado de alguma forma com abordagens referentes às relações étnico-raciais, especificamente ligadas aos sujeitos negros e aparições em fotografias, a partir de chamadas e títulos ou fotos, que nem sempre estiveram vinculadas a reportagens com conteúdo referente à discussão.

Afim de melhor elucidar sobre os momentos em que indivíduos negros estiveram presentes no *Foca Livre*, optamos por separar as análises conforme a inserção textual ou fotográfica.

5.1. UNIDADES TEXTUAIS

Dos títulos que trouxeram a palavra ‘negro’ ou termos que fazem referência a história, memória e trajetória destes agentes, as que mais se fizeram presentes estão relacionadas às políticas de cotas raciais na UEPG, música e ensino. Em 2006 a universidade adotou o sistema de cotas. Em 2013, a instituição rediscutiu a política buscando o fim do sistema de cotas, porém, tal possibilidade foi vetada por alguns membros do Conselho Universitário e estudantes da instituição, assim como foi extinta a comissão que avaliava os candidatos inscritos dentro desta reserva de vagas. Das três vezes que os títulos do jornal analisado trouxeram o sistema de cotas raciais na UEPG, duas estão relacionadas com o movimento de 2013 e a outra é de 2016, cobrança da ausência de continuidade de ações afirmativas para os estudantes negros egressos.

Quanto à categoria ‘música’, englobamos também a dança como manifestação, considerando a capoeira uma arte que envolve ritmos musicais e os gingados corporais. Das três inferências, a capoeira aparece em dois momentos, como uma “dança pela liberdade” (GAMBASSI, 1996, p.5) e outra apresentando o Ilê de Bamba, como ritmo que envolve os capoeiristas na cidade. O outro título dessa unidade é sobre a busca de espaço no cenário cultural do ritmo *hip hop* na cidade. De nossa interpretação, mesmo sem trazer a palavra negro no título, consideramos o *hip hop* como uma manifestação que no imaginário, bem como na realidade social, estão vinculados aos sujeitos que pertencem a esta raça.

A unidade de análise denominada por nós ‘ensino’ compreendeu assuntos relacionados à educação e também apareceu por três vezes, através de uma reportagem sobre o não cumprimento da Lei 10.693/06 da obrigação da história e cultura afro e afro-brasileira no ensino fundamental e médio e outras duas que apresentam intercambistas africanos estudantes da UEPG.

As unidades de informação ‘datas comemorativas’, ‘Clube 13 de Maio’ e ‘preconceito’ apareceram com duas reportagens cada. Da primeira fazem parte a notícia de abril de 2007 sobre a comemoração do dia da Consciência Negra em Ponta Grossa e

outra de dezembro de 1995, sobre os 300 anos de Zumbi dos Palmares, símbolo da resistência negra no Brasil.

Sobre o Clube Recreativo 13 de Maio, fundado no início do século XX e um dos principais espaços de sociabilidade negra em Ponta Grossa, duas foram as vezes que o jornal representou. A primeira, de abril de 2007, coincide com a distribuição do jornal no mês de maio, período que algumas instituições comemoram a abolição da escravatura no país. Na reportagem, o estudante aborda a gestão do Clube para a manutenção do espaço que é referência para grande parte da população negra local. A outra reportagem, de maio de 2016, aborda os mesmos problemas informados em 2007 e demonstra o processo de invisibilidade do Clube 13 de Maio enquanto representante da cultura negra local.

Já a unidade que retrata o preconceito apresentou duas reportagens, ambas que trataram a raça e gênero juntos, relatando o duplo preconceito que mulheres negras estão sujeitas e os mecanismos de combate ao racismo e o machismo. A coincidência em abordar mulher e negra em uma mesma reportagem não foi sem explicação, uma vez que o curso de jornalismo mantém um grupo de pesquisa voltado para o jornalismo e gênero.

Com uma chamada, a religião brasileira de matriz africana umbanda apareceu em um momento, no ano de 2014. Outra abordagem com apenas uma inferência traz no título “Quilombolas esquecem ancestralidade” (OLIVEIRA, 2013, p.4), referente as comunidades remanescentes quilombolas do Sutil e Santa Cruz, localizadas no entorno da cidade. A aparição de ambas em apenas um momento no *Foca Livre* indica desconhecimento ou silenciamento por parte dos estudantes que produzem o periódico.

5.2. UNIDADES FOTOGRÁFICAS

Na identificação fotográfica a representação do negro no *Foca Livre* é ainda mais delicada. As 24 vezes em que aparecem imagens com sujeitos negros, apenas 11 não trazem no título palavras de recusa. As outras 13, mesmo considerando que nas chamadas a palavra negro não está presente, estes indivíduos estão relacionados com narrativas de assassino, presidiário, prostituição, desigualdade, entre outros. Faz-se

importante ressaltar que nesta análise compreendemos todas as vezes que um negro apareceu em uma fotografia. Não contabilizamos o total de imagens presentes nos 25 anos do jornal, mas, um apontamento a ser feito, considera que nas 1528 páginas das 191 edições do jornal, somente em 24 imagens aparecem sujeitos negros, realidade que deve ser repensada, visto que segundo estas problematizações, a cada 7,95 edições do *Foca Livre* um negro era representado visualmente no jornal. O número é alarmante, considerando que no Brasil a população preta ou parda é maioria, e em Ponta Grossa, estes somam 20% dos moradores declarados.

Outro dado preocupante diz respeito às unidades de análise. Em primeiro lugar referente a imagens de pessoas negras em realidades que o título não traz o termo, aparecem fotografias que o contexto aborda mazelas sociais. Os 11 títulos dessa categoria representam a imagem de sujeitos negros através de pessoas em situação de rua, doentes mentais, prostitutas, detentos em reabilitação, baixa escolaridade e fome. Reforçamos que não foram analisados os conteúdos dos textos publicados, apenas a presença imagética através de fotografias.

A outra unidade com mais chamadas é sobre música. Dentre as reportagens aparece novamente o *hip hop*, com praticantes negros; o carnaval representado pela mulher negra de corpo despido, a capoeira enquanto símbolo de luta e resistência deste povo e na imagem de um cantor negro no palco. Para Santos (2010, p.4), este tipo de abordagem contribui para reforçar o estereótipo social do músico negro.

Com duas reportagens sobre esportes, os negros estiveram representados como jogadores de futebol e basquetebol, a primeira sobre a revelação de novos jogadores, e a segunda referente à crise do esporte na cidade. Mesmo que com pouca abordagem, a presença do negro relacionado ao esporte vai ao encontro com as pesquisas de Santos (2010) e Christofolletti e Basso (2007), que concordam que a inserção do negro é presente considerando a relação do brasileiro com o esporte, principalmente com o futebol. No *Foca Livre*, o eixo temático esporte nem sempre esteve presente, sendo emprestado, por vezes, outras editorias como ‘cultura’ para reportagens sobre práticas esportivas.

Também com duas unidades, a categoria por nós proposta ‘profissão’ considerou títulos que de algum modo abrangessem o emprego e que não se enquadrassem em

outras categorias. As duas reportagens são de 2012 e 2013. Enquanto que a primeira traz a imagem de um homem negro com a chamada “UEPG titula primeiro doutor em física” (MALUF, 2012, p.3), a segunda diz respeito ao abandonado Mercado Municipal de Ponta Grossa e ilustrada com o único guardião restante do local, um homem negro. A primeira, sobre o título de doutor de física a um homem negro, é a única das 24 imagens que representam o negro como sujeito da própria história e de forma positiva.

Em outros momentos, imagens de personagens negros aparecem identificando o personagem de uma entrevista, como exemplo a visita do pesquisador cubano Carlos Moore na UEPG, em 2013, assim como ilustra um sujeito sem foto, como caso de Zumbi de Palmares, em comemoração e homenagem aos seus 300 anos. Já a categoria ‘outros’, assim chamada pela impossibilidade em encaixar nas demais, compreende duas reportagens específicas no *Foca Livre*. A primeira, com o título “O câncer da educação” (SILVA, 1998, p.4) traz uma fotografia com diversos estudantes, entre eles uma negra; e a segunda que retrata colecionadores de figurinhas, com cinco personagens em imagem, e um menino negro. Em ambos os casos, o negro aparece como parte do contexto social nem de forma sub-representada, nem como sujeito da própria história, mas como componente do registro fotográfico.

O que podemos perceber com as fotografias encontradas nas edições do jornal laboratório *Foca Livre*, é a invisibilidade que este grupo étnico-racial se encontra tanto na mídia tradicional, quanto nos veículos laboratoriais. Apesar de não considerarmos o conteúdo das reportagens, o número de vezes que sujeitos negros aparecem é muito inferior a realidade social de negros presentes na cidade de Ponta Grossa. Este silenciamento ou sub-representatividade que observamos nos jornais impressos e que são comprovados por pesquisas na área, são encontrados também nos jornais laboratório, instrumento de aprendizagem e de práxis dos estudantes de jornalismo.

Encontramos também durante a análise, 13 fotografias de negros nas capas do *Foca Livre* e cinco inserções textuais com termos relacionados a luta e resistência negra. Nas fotografias, seis ilustram chamadas para conteúdos relacionados à temática, enquanto as demais representam sujeitos negros em outras abordagens. Destas, uma está vinculada a prostituição e outra a criminalidade. Já as inserções textuais não acompanhadas de fotografias, apenas uma chama para a reportagem de superação de

uma mulher e negra contra o preconceito, ao passo que as outras estão relacionadas ao *hip hop* e a capoeira em Ponta Grossa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um trabalho que realiza uma identificação desta natureza em um produto laboratorial que se propõe crítico e com pautas questionadoras – como evidenciamos em outro trabalho (BAN; PONTES, 2016), gera uma inflexão que merece algumas considerações. A começar pela composição cromática no ensino superior brasileiro, de forma geral, e nos cursos de Jornalismo de forma específica. Mesmo com as cotas, o baixo número de estudantes negros e negras nas universidades brasileiras é flagrante da exclusão histórica do Brasil. Essa situação se reflete nos cursos de jornalismo, entre os mais concorridos, e também por isso, um dos mais elitizados do país. Mesmo com as cotas para acesso, a baixa permanência de estudantes negras nos cursos revela a falta de estrutura das universidades para sua permanência, bem como pode ser sinal de baixa identificação. Cursos integrais – como o caso da UEPG – não costumam combinar com a realidade de sujeitos que precisam estudar, mas também sobreviver, trabalhar.

134

Essa baixa presença de estudantes de graduação negros e negras reflete-se na ainda mais baixa presença de mestres e doutores negros, conseqüentemente, de professores negros. Da mesma forma, as principais fontes do jornalismo – profissionais liberais, funcionários públicos, agentes políticos e econômicos - costumam refletir a hegemonia dos brancos. Conseqüentemente, em um curso com poucos negros e negras, sem professoras negras, com cultura branca, em uma profissão hegemonicamente branca, com fontes de notícias brancas, com uma elite branca, a não representatividade do negro torna-se regra incorporada.

O trabalho de iniciação científica identificou que nos 31 anos de existência do curso de Jornalismo da UEPG, dos 81 professores que lecionaram no departamento (entre efetivos e colaboradores), apenas três eram negros, cromaticamente classificados, não existindo professores negros no quadro do Departamento de Jornalismo no ano de 2017. Outra consideração a ser melhor analisada, são os 525 Trabalhos de Conclusão de Cursos protocolados até 2016, onde 15 trazem referências étnico-raciais que envolvem o

negro – outra consequência da baixa representatividade. Outra análise que vem sendo empreendida é quanto ao número de estudantes negros na história do curso, informação que ainda exige estudos mais aprofundados devido às precárias informações disponíveis antes da política de cotas da instituição (2006).

Especificamente quanto ao *Foca Livre*, é possível sintetizar que das 2525 unidades de texto encontradas nas 1528 páginas das 191 edições do periódico, apenas 41 traziam referência direta ou indireta aos negros e negras, sendo que 17 estão presentes no título e/ou chamada, e 24 em fotografias. Nos textos, há uma distribuição na qual nenhum tema se sobressai (máximo três unidades), com maior associação às discussões sobre cotas, música e educação. Nas fotografias, o negro aparece majoritariamente associado às mazelas sociais (em 11 unidades). A ínfima presença do negro nos 25 anos de história do jornal aqui trabalhados confirma, portanto, a não representatividade do negro na mídia, incluindo um dos mais longevos jornais laboratórios do país nesta estatística.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto-Lei n.972**, de 17 de outubro de 1969. Dispõe sobre o exercício da profissão de jornalista. Diário Oficial, Brasília, DF, 17 de out. 1969.

CHRISTOFOLETTI, Rogério; BASSO, Marjorie, K. J. “O preto no branco: democracia midiática no Brasil e presença de negros nas fotos dos jornais”. **Estudos em Comunicação** n°2, 2007, p. 111-125.

DIRETRIZES Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo. **Relatório da Comissão de Especialistas instituída pelo Ministério da Educação**, Portaria N° 203/2009, de 12 de fevereiro de 2009.

GAMBASSI, Rodrigo. “A dança pela liberdade: Capoeira”. **Foca Livre**, Ponta Grossa, p.5, out. 1996.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. **Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal n° 10.639/03**. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. P. 39 - 62.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estimativas de população**, 2016. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2016/estimativa_tcu.shtm> Acesso em: 27/07/2017.

_____. **Censo Demográfico**, 2010. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/>> Acesso em: 27/07/2017.

LOPES, Dirceu F. **Jornal-laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor.** São Paulo: Summus, 1989.

MALUFF, Anna F. UEPG titula primeiro doutor em física. **Foca Livre**, Ponta Grossa, p.3, out. 2012.

MUNANGA, Kabengele. Mestiçagem e experiências interculturais no Brasil. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz e REIS, Letícia V. de Sousa (orgs.). **Negras Imagens.** São Paulo: Edusp, 1996.

_____. **A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil.** Revista Estudos Avançados, 2004. São Paulo, V. 18, no 50, p. 51-66.

OLIVEIRA, Rafaela. “Brasil é uma país de máscaras, diz Moore”. **Foca Livre**, Ponta Grossa, p.4, out. 2013.

PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (Orgs.). **Comunicação e cultura das minorias.** São Paulo: Paulus, 2005.

PEREIRA, Edmilson de A.; GOMES, Núbia P. M. **Ardís da Imagem.** Belo Horizonte: Mazza Edições; Editora PUCMINAS, 2001.

PINTO, Sueli de S.; MEZZOMO, Frank A. **A formação da comunidade quilombola no Estado do Paraná: experiências do quilombo Sutil.** In VII Encontro de Produção Científica e Tecnológica. Campo Mourão, 2012.

PONTES, Felipe S; BAN, Gustavo Y. L. **O jornal-laboratório como crítica da cidade: saneamento básico, moradia e mobilidade urbana nas páginas do Foca Livre.** Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, Brasília, v. 6, n. 19, p. 233-250, jul./dez. 2016.

QUIRINO, Kelly T. M. **Jornalismo, juventude negra e violência.** Como o mito da democracia racial invisibiliza a temática étnico-racial no jornalismo. In: XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2013. Bauru, SP.

SILVA, Tomaz T. **Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000.

SANTOS, W. O. **Espaço do negro nos jornais impressos (Pôster).** Congresso “Educação no Brasil: o balanço de uma década” da 33ª Reunião Anual da ANPED. Outubro, 2010.

SILVA, Luciane. “O câncer da educação”. **Foca Livre**, Ponta Grossa, p.4, abr. 1998.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros.** Petrópolis: Vozes, 1999.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**, porque as notícias são como são, volume 1 Florianópolis: Insular. 2. Ed., 2005.

VAZ, Paulo B. F. & MENDONÇA, Ricardo F. **A representação visual do negro no jornal impresso.** Trabalho apresentado no NP13 – Núcleo de Pesquisa Comunicação e Cultura das Minorias, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. Setembro de 2002.

VIEIRA JÚNIOR, Antonio. **Uma pedagogia para o jornal-laboratório.** Tese de doutorado em Ciências da Comunicação ECA-USP, 2002. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/17272445/VIEIRA-Jr-Uma-pedagogia-para-o-jornal-laboratorio>> Acesso em: 05/07/2017.

VILAÇA, Gabriela T. **Jornal-laboratório: uma análise da aplicação prática de critérios e conceitos jornalísticos no jornal Impresso.** Covilhã: Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2011. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/vilaca-gabrielajornal-laboratorio-a-analise.pdf>>. Acesso em: 17 maio 2016.